
MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | AGOSTO/SETEMBRO 2019

O RELÓGIO
DA FAMÍLIA
AJUDA CASAIS
A ALINHAR
O SENTIDO
DA VIDA

pág. 4

AGUSTINA
BESSA-LUÍS

pág. 22

A IGREJA E O

CUIDADO DA CRIAÇÃO



NOVIDADES!

EDITORIAL
A.O.

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

agosto/setembro 2019 // Ano CXLIV, n.º 8-9

Diretor

António Valério, s.j.

Administração

Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:

Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamensagem.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Ana Miranda

Impressão e acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86
ISSN 0874-4955

Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12.º, n.º 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€
Europa: 21,00€
26,00 Fr. Suíços

Fora da Europa: 27,00€
35,00 USD
42,00 CAD

Preço por exemplar: 1,40€

Pagar por transferência bancária:

De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);

Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h

PAI-NOSSO



Ler estas catequeses é reaprender o Pai-Nosso e começar a rezá-lo com a frescura original, com a simplicidade da criança que diz «Paizinho» e tudo confia nas mãos de Deus.

PREÇOS

Portugal: 5,50€
Europa: 6,70€
Fora da Europa: 7,15€

AGENDA LITÚRGICA 2020



A bem conhecida Agenda Litúrgica da Editorial A. O., na sua edição para 2020. Abundante informação sobre a liturgia quotidiana, espaço para anotar os compromissos diários, capa plástica, disponível em bordeaux e azul (não contém caderno de contactos).

PREÇOS

Portugal: 5,50€
Europa: 6,00€
Fora da Europa: 6,50€

Portes de correio incluídos nos preços.
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt



AGUSTINA BESSA-LUÍS

Alexandre Freire Duarte

No meu precedente texto, tive o ensejo de referir que Sophia era daquelas poucas pessoas que, apenas com o seu primeiro nome, pôde passar a brilhar no escuro céu da memória humana. Mas a caminho desse céu também já se encaminha uma outra mulher que fez de sua casa as pessoas que vivem no Porto – onde me sinto incluído. Refiro-me a Agustina (1922-2019).

Todavia, esse não é o único ponto de contacto entre tais escritoras. Há outros. E o menor destes não é o facto de que, tal como a de Sophia, a vida de Agustina é um exemplo exímio de que não existem boas fábulas que não tenham

«pessoas humanas» como personagens. Face ao que acabei de referir, e sobretudo no caso de Agustina, a questão que deixo no ar é a de se saber quem é que são os «animais» que, também presentes nas suas obras, mascaram tais «pessoas» que esgravatam no ar para poderem respirar. Não quero apontar possíveis respostas para esta questão, porque gostaria que quem viesse a ler estas palavras permanecesse, depois de as ler, tão livre face ao futuro como face ao passado definidos por essa mesma leitura.

Seja qual for a resposta que quiserdes vir a dar a essa minha interrogação, a verdade é que a vida de Agustina

permeia os seus textos com a recusa de deixar de submeter o real, à imaginação – que é, quase sempre, o que de mais oposto existe ao engano –, para que, desse modo, tal real não cesse de ser um servo e, desse modo, acabe por ser um impiedoso déspota. Com tal recusa, nunca nos vemos com um real que seja um tirano impedindo as figuras de ganharem vida. Eis porque estas quase que se impõem, através de uma espécie de vontade própria, à escrita de quem cria que as estava a criar. Poder-se-á chamar a isto «profundidade» criativa ou «génio» psicológico, mas eu prefiro denominá-lo de comunhão com um Criador que não fabrica satélites para serem lançados numa órbita teoestacionária, antes cria agentes capazes de, misteriosamente, impactarem na sua vontade com o seu quente ou frio amor. Isto – note-se bem – não diminui nem a humilde grandeza d’Este, nem a grandeza humilde de Agustina. Bem pelo contrário.

Não creio ter alguma vez lido, ou ouvido, o que passarei a apontar acerca dos textos de Agustina, e isso é tão estranho que me interrogo acerca do que estará por detrás da discordância existente entre, por um lado, a minha opinião e, por outro lado, o parecer de quem conhece aquelas obras muito melhor do que eu. Na verdade, julgo que uma das qualidades principais que cruzam estoutas, e que justamente as convertem em relatos quase que legendários, é que as suas personagens parecem buscar, pelo menos inconscientemente, desuniões sem, antes, terem procurado uniões. Será, assim, que tais personagens terão optado pelo sacrifício enfermo próprio daquela separação entre liberdade e prudência que é tão característico de uma certa modernidade que de modernidade apenas terá essa designação, pois mais não será do que um classicismo desbotado? E não terá tal atitude dado lugar à recusa da prudência que desaguou na abdicação da liberdade?

É evidente que a intenção de Agustina, tantas vezes autobiográfica no que escreve, não foi a de exaltar o que acabei de apontar, nem a de aplaudir a violência social que agrilhoa tantas das suas personagens. Mas será que ela não terá pretendido assinalar que – mesmo através dessas realidades (e particularmente por tensões exteriores que como que impelem tais figuras a saírem de si) – há lugar para uma estranha redenção, e que, dessa forma e por mais que o tecido inter-relacional esteja rasgado, inclusive o que é particular é-o de tal modo que chega a ser tão estreito como o Cosmos? Não será por isso que aquelas agruras – por vezes monótonas, mas jamais somente monótonas – que dão origem àquela violência são, ao mesmo tem-

po, as próprias causas da mais abençoada serenidade que converge numa, e diverge de uma, série de viagens que são sempre a procura frenética de sentidos e respostas? A modéstia, escondida por uma ambição «maior do que o mundo», de algumas de tais personagens não me permite deixar de lançar estas perguntas, que só não digo que são retóricas, pois o decoro da escrita de Agustina provoca-me sempre a sensação de estar ante a mais veemente forma de mostrar um notável enternecimento. Enternecimento este que se aproxima da recusa do Deus-Amor cristão – e só cristão – de explicar tudo, o que, porém, já é um esboço da elucidação desse tudo.

Seja nos seus contos infantis, seja nos seus romances, as narrações de Agustina acerca dos mais diversos mundos familiares expõem – se nos recusarmos a vê-los apenas «a uma certa luz», antes vendo-os à «luz da Luz» – que a racionalidade emotiva mostra-se sempre mais valiosa do que qualquer pragmatismo que queira mostrar que tal racionalidade é desprovida de valor. E isso, frequentemente, porque as ressoantes notas emitidas pelos instrumentos de cordas que são os corações das suas figuras – sempre a tocarem, de um lado ou de outro, no duriense coração da própria Agustina – nunca são decorrentes de verdadeiras recusas daquilo a que o Cristianismo chama de «lei” do amor». Não. Tendo herdado esta grande sabedoria, Agustina semeia-a em partilha, por vezes sob camadas de resistências ou até de totais consentimentos a funestos cantos de sereias que fabricam molduras cheias de pessimismo.

Agustina, tal como aconteceu com os dois anteriores vultos cristãos da cultura portuguesa do séc. XX que recordei nestas páginas, foi agraciada pelo Estado Português (1981 e 2006), mas, na verdade, foi ela quem mais agraciou aqueles que compartilharam a graça da sua existência. Talvez muitos não pensem como eu – e digo isto a partir daquela amostra da realidade formada pelos meus alunos de *Literatura Cristã Contemporânea* e de *Mundividência Cristã* –, mas até isso é uma das grandezas de Agustina: a de não forçar a um unanimismo. Ela, tal como Aquele a Quem adorava, obriga a cisões no húmus humano entre, por um lado, quem vive caminhando pelo lado de dentro do exterior do coração, e, por outro lado, quem pensa viver estando parado no lado de fora do interior do coração. Ruturas só superáveis no Coração d’Aquele.